

FEV.2023
VOL.003

Aqui há futuro!

INSPIRA A MUDANÇA



entrevista

Pedro Melo Lopes

"O PSD precisa mostrar à sociedade civil que é um partido em quem os portugueses podem confiar."

Índice

3. A CORRUPÇÃO EM PORTUGAL

FERNANDO SANTOS

5. O PODER LOCAL E AS MAIORIAS ABSOLUTAS

JOSÉ SOARES

6. NOVOS TEMPOS, NOVOS VENTOS

PAULO OLIVEIRA

8. ENTREVISTA

PEDRO MELO LOPES

14. OS SONHOS OU O SISTEMA

MARIA VIEIRA

16. A GRANDE DEMISSÃO

VÍTOR CARMONA

18. A AMBIÇÃO DA MUDANÇA

MARIA TERESA MAIA CARRILHO

19. PELOS CAMINHOS DE...

BAIRRO DO ESPARGAL

19. CARTOON - O CONDE E O MARQUÊS

SENHOR PATINHOS

20. A AGENDA GLOBAL DAS CIDADES

PEDRO FONSECA

"O meu ideal político é a democracia, para que todo o homem seja respeitado como indivíduo e nenhum venerado."

Albert Einstein

editorial

A corrupção em Portugal



FERNANDO SANTOS
POLITÓLOGO



CRÉDITOS: AQUI HÁ FUTURO!

O combate à corrupção é um dos maiores desafios que Portugal enfrenta enquanto nação. Este é um tema extremamente complexo que afeta todos os aspetos da vida em sociedade e tem um impacto negativo muito significativo na economia, no bem-estar das pessoas e na qualidade da nossa democracia.

Por esse motivo, são de louvar iniciativas levadas a cabo por Organizações não Governamentais (ONG) como a *Transparency International* que, desde 1995, publica anualmente o seu Índice de Perceção da Corrupção, e faz o retrato deste fenómeno no seio da administração pública de praticamente todos os países do Mundo.

“No relatório deste ano, a Transparency International assinala que a Estratégia Nacional Anticorrupção (ENAC), foi lançada sem diretrizes ou plano de monitorização, resultando em fraca aplicação e implementação lenta de medidas dirigidas à prevenção da corrupção no sector público.”

Uma crítica dirigida a Portugal e que, aliás, já havia sido feita no relatório de 2021, onde se alertava que a Estratégia

Nacional Anticorrupção ignorava praticamente por completo o fenómeno da corrupção nas elites políticas.

Apesar do combate à corrupção ser uma preocupação crescente dos portugueses, por força dos vários escândalos que têm vindo à superfície nos últimos meses, a verdade é que assistimos a uma enorme resistência por parte do poder político, nomeadamente do Partido Socialista, em instituir a prevenção da corrupção, da fraude e do branqueamento de capitais como uma das suas principais prioridades políticas.

Antes pelo contrário, teima-se em não legislar estas matérias de uma forma séria, coerente e clara, dando lugar a lacunas

AQUI HÁ FUTURO!

legais que apenas servem para alimentar uma cultura de impunidade que se enraíza cada vez mais na nossa sociedade. Uma cultura que favorece os chicos-espertos, aqueles que “roubam mas fazem”, mas que em última análise nos lesa a todos enquanto nação.

Além de prejudicar a economia de forma imediata, a corrupção também produz efeitos nefastos a médio e longo prazo, nomeadamente no que diz respeito à perda de confiança por parte dos agentes económicos e a uma diminuição da nossa capacidade de atração de investimento (interno e externo), com o consequente impacto negativo sobre o desenvolvimento económico, social e cultural do nosso país.

Mas o impacto da corrupção também é sentido de uma forma mais íntima pelos cidadãos comuns. A corrupção leva a uma erosão da confiança nas instituições públicas e produz um impacto negativo sobre a democracia e a participação dos cidadãos na política. Além disso, a corrupção subsiste às custas da transparência e da responsabilização dos agentes políticos, o que condiciona a capacidade dos cidadãos de fiscalizar e avaliar o desempenho instituições, que em última análise nos conduz ao problema da falência dos sistemas democráticos e à emergência de movimentos políticos radicais e anti-sistema.

Por isso é tão importante que o poder político desperte para este flagelo, e coloque no topo da suas prioridades não só o combate à corrupção, mas também a promoção de políticas de maior transparência e inclusão da população nos processos de tomada de decisão. Veja-se o bom exemplo de Braga, que ficou no TOP 3 das cidades

que concorreram à Capital Europeia da Democracia 2023, distinção ganha por Barcelona, cidade que já aqui havíamos destacado (volume 1) a propósito das suas políticas de mobilidade.

Mas convém nunca esquecer um ponto muito importante: nada alcançaremos se o ministério público não tiver ao seu dispor as ferramentas necessárias para investigar este tipo de práticas, que pela sua própria natureza são cada vez mais sofisticadas.

Neste ponto, a Inteligência Artificial poderá vir a desempenhar um papel muito relevante no combate à corrupção, ajudando a identificar padrões e anomalias suspeitas em grandes conjuntos de dados, e facilitando a deteção de atividades ilícitas. Além disso, a Inteligência Artificial também pode vir a ser usada com o objetivo de melhorar a transparência e a integridade dos processos administrativos, tornando mais difícil qualquer incumprimento das normas ou da legislação em vigor.



Contudo, importa destacar que a Inteligência Artificial deverá ser usada como uma ferramenta complementar e não como solução milagrosa no combate a corrupção, já que a prevenção eficaz da mesma depende de uma combinação de fatores, incluindo boas políticas públicas, legislação adequada e de qualidade, assim como de uma fiscalização rigorosa. 

política local

O poder local e as maiorias absolutas



JOSÉ SOARES
GESTOR

Os executivos de gestão autárquica quando em poder absoluto têm, por norma, um efeito perverso no retorno efetivo para a população em termos de 'boa' gestão.

A agilidade que se ganha com as maiorias na gestão do dia-a-dia e até mesmo na implementação de políticas, mais arrojadas, deveria ser uma vantagem e não um problema.

E porque pode ser um problema? Porque quando gerem algo, com poder absoluto, alguns autarcas são tentados a decidir em livre-arbítrio e sem recurso a consensos, muitas vezes com graves prejuízos para a população. Ao invés, quando são obrigados a fazer trabalho



de grupo e ouvir a oposição e todos os intervenientes políticos locais, isso leva-os a apresentar propostas com mais qualidade e maior retorno para os munícipes.

As boas políticas muitas vezes surgem deste *brainstorming* entre todos os agentes políticos que de facto pretendem uma solução para um qualquer problema que se quer ver resolvido. Acresce que, nesta discussão se podem envolver todos na solução, e todos podem dar um contributo efetivo. Com isso ganha a população e os seus verdadeiros interesses.

Importa, portanto, colocar a seguinte pergunta: deverá uma maioria absoluta ouvir todos os intervenientes?

Deve e tem a grande vantagem de, por vezes, ter como suas as decisões finais e com isso ganhos políticos nos médio e longo prazos. No entanto, por norma, acontece exatamente o contrário.

Nas autarquias é mais evidente esse alheamento pela opinião contrária e pela incapacidade de ouvir e solucionar os problemas básicos, porque os executivos escudam-se na sua maioria, considerando que com isso têm direito a total discricionariedade na ação política, e uma certeza inabalável de que estão a fazer uma boa gestão da coisa pública.

Hoje, muito graças às redes sociais, os munícipes percebem cada vez mais a influência que a autarquia tem nas suas vidas, e, com a transferência de competências, em várias áreas, do governo central para as autarquias locais, é e será cada vez mais importante a envolvimento de todos na boa gestão dos dinheiros públicos, priorizando e gerando qualidade de vida para todos os munícipes!

Cada vez mais teremos de pensar em comunidade e para a comunidade! Para isso temos de estar **TODOS** envolvidos. Um futuro melhor está nas nossas mãos! 

mundo

Novos tempos, novos ventos



PAULO OLIVEIRA
CORONEL
MESTRE EM CIÊNCIA
POLÍTICA E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS

Nesta mudança de paradigma, os tempos que estamos a viver revestem-se de particular importância, tendo em conta que todos nós, de uma forma ou de outra, já percebemos que nada será como dantes!

Ao longo dos tempos, as gerações europeias contemporâneas deram por adquirido um modo de vida e uma prosperidade assentes na paz, segurança, estabilidade e desenvolvimento económico que, por sua vez, foram alicerçados no estado social europeu.



ESCALPTURA "SPHERE WITHIN SPHERE" DE ARNALDO POMODORO EM FRENTE À SEDE DAS NAÇÕES UNIDAS EM NOVA IORQUE, EUA. CRÉDITOS: AQUI HÁ FUTURO!

Colocados que nos estão a ser estes novos desafios, começamos lentamente a perceber todas as fragilidades em que assenta o nosso modelo de desenvolvimento, e que se nada for feito rapidamente, este poder-se-á desmoronar como um simples baralho de cartas.

Mas não é erguendo muros ou promovendo fraturas na sociedade que conseguiremos levar este barco a bom porto. Isso apenas será possível erigindo pontes e reafirmando os princípios fundadores da social-democracia, tão bem representados nas três setas que compõem o símbolo do PSD: Liberdade, Igualdade e Solidariedade.

Apenas com uma verdadeira cooperação entre todos os sectores da sociedade conseguiremos encontrar uma

solução humana, digna e honrosa, capaz de debelar o atual conflito civilizacional em que estamos mergulhados, minimizando desta forma, todos os seus efeitos colaterais.

E apenas com assertividade e lucidez política conseguiremos salvaguardar o legado de sete décadas de construção e de integração europeia que nos trouxeram o período de maior prosperidade alguma vez registado.

Como dizia recentemente um antigo embaixador dos Estados Unidos da América junto da NATO, acerca da necessidade de construção de um exército europeu "o problema da Europa não é a falta de um exército, mas sim a ausência de vontade política e de um compromisso político sério para com a defesa, tanto a nível

nacional, como europeu ou mesmo transatlântico.”

Este é um sério desafio para as lideranças futuras, quer a nível da União Europeia! Precisamos de um compromisso sério para com a defesa do espaço e dos valores Europeus.

Caso contrário, as gerações atuais terão razões acrescidas para estarem preocupadas com a sua segurança e com a manutenção dos valores que norteiam as nossas sociedades. Mas por outro lado, isso também as obriga a estarem mais informadas e serem mais interventivas no processo da progressiva integração Europeia, incluindo o

aprofundamento e consolidação da Política comum de Segurança e Defesa, pois não haverá soberania sem uma capacidade de defesa credível e efetiva, sem uma base tecnológica e industrial forte e compatível com as circunstâncias que se nos apresentam.

A Política é a intervenção na pólis dando-lhe uma ordem, isto é, organizando a sociedade no respeito e tolerância pelas diferenças, mas construindo o futuro em linha de conta com os princípios que defendemos – Liberdade, Igualdade e Solidariedade, sem descorar o pilar fundamental da Justiça. É no respeito por eles e pela sua consciência, reconhecendo o outro como nosso igual em direitos, deveres e obrigações, no acesso aos bens disponibilizados pela Ciência e pela Natureza, que a

prosperidade e o desenvolvimento desejado por todos nós poderão ser alcançados.

Sartre na sua obra “O Existencialismo é um Humanismo”, afirma que o Homem está condenado a ser livre, “já que, uma vez lançado no mundo, é o responsável por tudo aquilo que faz”.

Desta forma, se queremos continuar a ser livres, não nos podemos demitir de novos desafios, nem das nossas responsabilidades na construção do principal pilar da nossa sociedade: a participação de cada um de nós na construção desta Nova Era que se avizinha. 



entrevista

Pedro Melo Lopes

"Os portugueses vivem com a maior carga fiscal de sempre. O estado é muito célere a cobrar impostos, mas é cada vez mais redutor na forma como nos presta os serviços públicos."



CRÉDITOS: JOÃO PEDRO FOTOGRAFIA



**PEDRO MELO LOPES, 33 ANOS,
MÉDICO E DEPUTADO DO GRUPO
PARLAMENTAR DO PSD NA
ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, ELEITO
PELO CÍRCULO ELEITORAL DO PORTO**

CRÉDITOS: JOÃO PEDRO FOTOGRAFIA

Como é que começou o teu interesse pela política?

Comecei-me a interessar e a participar em reuniões de política pelos 16 anos, porque essencialmente discordava das políticas de juventude que eram seguidas pela minha presidente de câmara à época que era uma figura incontornável da política portuguesa, Fátima Felgueiras. Tinha um espírito proativo e nunca fui de me resignar e aceitar o que parecia estabelecido à partida. Sempre tive vontade de fazer a diferença para que eu e os meus colegas tivéssemos uma juventude mais feliz em Felgueiras.

E como foi esse percurso?

Fui sempre um aluno atento e interessado nos anos mais

básicos da escola. Depois passei pelas associações estudantis, fiz parte do conselho pedagógico da escola secundária e já era militante da JSD.

Tive várias atividades extra curriculares como a música, natação, polo aquático e joguei durante 10 anos futebol no clube da outra cidade do concelho, a Lixa, que era a terra do meu pai. Dividi muito o meu tempo entre a Lixa onde jogava e Felgueiras onde estudava e vivia. Fiz bons amigos para a vida e sempre tive uma relação de proximidade com as pessoas das duas cidades.

E como foi que passaste de militante da JSD para vereador do PSD?

Era eu dirigente da JSD em

2017 quando o Presidente da Câmara me convidou para integrar a lista de vereadores nas eleições autárquicas de 2017.

No que parecia ser o início de um percurso político, com a derrota inesperada nas eleições de 2017, acabei apenas por ser vereador da oposição em algumas reuniões de executivo.

Apesar de não ser a figura principal, essa derrota eleitoral abalou-me muito e em 2021 estive fora de qualquer candidatura autárquica apesar de pertencer à comissão política concelhia do PSD. Em 2022, após ter sido eleito

NÃO TENHAM MEDO DE PERTENCER A UM PARTIDO POLÍTICO.



PEDRO MELO LOPES NA SALA DAS SESSÕES DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

CRÉDITOS: JOÃO PEDRO FOTOGRAFIA

deputado, fui desafiado por alguns militantes a liderar a comissão política do PSD Felgueiras para tentarmos engrenar uma nova equipa com novas ideias e com propostas alternativas para a nossa terra.

Que conselhos gostarias de dar aos jovens para uma maior participação política?

Eu sou pragmático e o que diria a qualquer jovem deste país é que se têm vontade de mudar o mundo esse é o primeiro passo para querer estar na política. Então não desistam. Se se sentem inconformados com alguma situação nas vossas cidades, nas vossas freguesias, não hesitem em questionar, em participar e em intervir. Isso pode acontecer nas associações locais e também nos partidos

políticos. Não tenham medo de pertencer a um partido político, se não deixarem de ser vocês próprios e se se guiarem sempre pelos vossos princípios e convicções.

Como é que defines o estado atual da saúde pública em Portugal?

A saúde em Portugal está como todos os dias nos entra em casa pela TV, com problemas nos vários níveis de cuidados.

Temos mais de 1,5 milhões de portugueses sem médico de família. Temos cerca de 5 milhões de portugueses com seguros ou subsistemas.

Somos da OCDE o país onde as famílias mais gastam com saúde. E ainda é mais estranho que este contexto surja depois de uma governação com partidos de esquerda que acabaram com todas as PPP (Parcerias Público-Privadas) hospitalares em nome da defesa de um SNS público e que reclamam sempre como prioridade o investimento nesta área. Nunca pensei na minha vida ver urgências fechadas e ver negado aos cidadãos o direito de entrar num hospital, enviando-os para hospitais a centenas de km. É lamentável o estado a que chegámos. Temos aqui um exemplo claro de que as políticas de esquerda não satisfazem as necessidades dos portugueses.



PEDRO MELO LOPES COM CERCA DE 3 ANOS E MAIS TARDE VESTIDO COM O EQUIPAMENTO DO FUTEBOL CLUBE DA LIXA



MÉDICO NO CENTRO HOSPITALAR DO BAIXO VOUGA



PARTICIPAÇÃO ATIVA NA JSD DE FELGUEIRAS

Que medidas defendes para melhorar o SNS?

Defendo que se façam mudanças em 3 pilares fundamentais. Na literacia, na promoção da saúde e no modelo de gestão. Sou dos poucos que falo sempre no parlamento em literacia para a saúde. As pessoas têm de saber mais sobre o seu estado de saúde, têm de saber mais sobre a fisiopatologia das principais doenças e ainda como se devem orientar no nosso sistema de saúde. Este é o primeiro passo para otimizar a utilização dos nossos recursos. Depois, na promoção e a prevenção da saúde, além de cada português ter um médico de família para ser o seu gestor e primeiro interlocutor com o sistema de saúde. Também são necessários incentivos e

programas específicos que visem estilos de vida e hábitos mais saudáveis.

Programas para envelhecermos com mais saúde parecem fundamentais para a sustentabilidade do nosso sistema de saúde.

E por fim, a revisão urgente do modelo de gestão das unidades de saúde. É necessária a integração das unidades de saúde para uma melhor articulação entre os vários níveis de cuidados. Além disso, o financiamento das unidades de saúde não pode continuar a ser feito com base na produção dos hospitais, mas sim com base em resultados e nos ganhos

para a saúde que essa atividade tem para a população. E por fim, mas não menos importante e associado à gestão, é necessário rever o modelo de remuneração dos profissionais. Se estes três pilares não forem alvos de uma mudança estrutural a breve prazo, vamos ter uma pressão desmedida sobre o nosso sistema de saúde provocada pelo envelhecimento da população e aumento da carga de doença que serão agravados por problemas como o desgaste dos profissionais de saúde e pela falta de atratividade das carreiras. O SNS será insustentável.

Como foi exercer medicina em tempos de pandemia?

Foi um privilégio servir o meu país e as pessoas durante a



PEDRO MELO LOPES A APRESENTAR O SEU PRIMEIRO FILHO AO PRESIDENTE DO PSD, LUÍS MONTENEGRO



NUM JANTAR DO PSD COM LUÍS MARQUES MENDES E HUGO SOARES

pandemia. Era tudo desconhecido e estávamos todos com muito receio. Foi o espírito de entreatajuda e de partilha entre profissionais de saúde que permitiu que, com uma dose de esforço acrescido, se conseguisse responder de forma tão positiva.

No início fui viver para um hotel, perto do hospital, para não voltar todos os dias para casa e não correr o risco de infetar os meus pais e outros familiares.

Quais são as principais reformas que gostarias de ver implementadas em Portugal?

Na saúde como já defendi nas questões anteriores é fundamental fazer mudanças estruturais porque o nosso sistema de saúde não vai aguentar a pressão demográfica. Mas também na educação que é um pilar fundamental da nossa soberania.

O estatuto da carreira docente foi aprovado por Cavaco Silva, num governo do PSD, que foi o primeiro e se calhar o único que operou mudanças estruturais na educação, revolucionando-a.

Agora precisamos da coragem de um “novo” Cavaco Silva. A escola já não são os quadros a giz e os professores sentados ao fundo a falar em pé.

Os nossos decisores tem de perceber de uma vez por todas que o ensino mudou e tem de acompanhar as tecnologias e a capacitação que as crianças têm hoje.

Como está a ser a tua experiência como deputado da nação?

Gratificante. Representar pessoas é uma responsabilidade mas ao mesmo tempo uma honra muito grande. Na área que mais acompanho nos trabalhos parlamentares, a saúde, tenho muito trabalho pela frente porque prometi aos profissionais total empenho na luta pelas suas condições de trabalho e aos doentes igualmente uma incessante luta pela dignidade do seu tratamento.

O nosso trabalho muitas vezes esbarra na maioria absoluta do partido socialista que não está muitas vezes interessado em discutir propostas concretas.

**AS PALAVRAS DE ORDEM
SÃO UNIDADE, QUALIDADE
E CREDIBILIDADE.**



PEDRO MELO LOPES NA SALA DAS SESSÕES DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

CRÉDITOS: JOÃO PEDRO FOTOGRAFIA

Mas continuarei a lutar sempre sem abandonar os meus princípios e as minhas convicções.

Que mensagem gostarias de dar aos militantes do nosso PSD?

Que se unam! O PSD precisa sobretudo de mostrar à sociedade civil que é um partido em quem os portugueses podem confiar. E gerar essa confiança passa, também, por mostrar lá para fora a unidade que tem faltado ao partido. Além disso, o PSD tem de manter a sua irreverência e o seu espírito transformador.

Por isso, os nossos militantes com ideias, com vontade de construir um projeto vencedor e com provas dadas nas várias áreas devem continuar a engrandecer o partido. As palavras de ordem são unidade, qualidade e credibilidade!

Qual é o teu sonho para Portugal?

Eu sonho com um Portugal onde o papel do estado possa

ser também o de fazer as pessoas felizes.

Os portugueses vivem com a maior carga fiscal de sempre. O estado é muito célere a cobrar impostos, mas é cada vez mais redutor na forma como nos presta os serviços públicos.

Isso gerou uma desconfiança nas famílias e nas empresas na hora de pagar impostos porque de certa maneira sentem que não existe o devido retorno. Por isso, sonho com o dia em que o estado seja um parceiro que não nos gere stress, mas sim felicidade. 

educação

Os sonhos ou o sistema?



MARIA VIEIRA
MÉDICA

Numa sociedade em que se incute e se apregoa, cada vez mais, a importância da Formação Académica, não só dos nossos jovens em geral mas, sobretudo dos nossos Jovens Atletas é notória a dificuldade que muitos deles se deparam no seu dia-a-dia universitário. Frequentar o Ensino Superior em Portugal implica, muitas vezes, o abandono da carreira desportista ou, em contrapartida, uma dificuldade acrescida inculcada pelo Sistema na conciliação do Desporto de Alto Rendimento com o Ensino Superior. Como é possível que muitos dos nossos Jovens Atletas se vejam obrigados a abdicar da sua atividade desportiva em prol da sua formação académica?

O meu nome é Maria Vieira, tenho 25 anos e sou Médica. Além de Médica sou guardas-redes de hóquei em patins do Sport Lisboa e Benfica e da Seleção Nacional Portuguesa. Muitas são pessoas que me abordam e questionam-me relativamente às barreiras com que me deparei ao longo da minha formação académica (6 anos do curso de Medicina + 1 ano de internato geral, até ao momento), ficando grande parte delas surpreendidas quando lhes explico que as maiores barreiras com que me deparei e com as quais tive que lidar e ultrapassar foram as adjacentes à Mentalidade Humana. Desde episódios e comentários como: “A menina tem de escolher entre o hóquei e a medicina”, “Ninguém conclui



FREQUENTAR O ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL IMPLICA, MUITAS VEZES, O ABANDONO DA CARREIRA DESPORTISTA.

MARIA VIEIRA NUM JOGO DE HÓQUEI EM PATINS. CRÉDITOS: SPORT LISBOA E BENFICA

um curso de medicina e constrói uma carreira médica a praticar desporto ao mesmo tempo”, “Se a menina continuar a praticar desporto nunca vai sair da faculdade” até mesmo falta de abertura para alteração de datas de avaliações de componentes teóricas e práticas, falta de apoio na integração da estudante-atleta no regresso às aulas após uma competição desportiva, o débil contacto entre docentes e aluna-atleta enquanto me encontrava ausente da instituição de ensino por motivos desportivos, vivenciados por mim na primeira pessoa, marcaram o meu caminho e fazem-me agora colocar em retrospectiva todo o processo para chegar até aqui. Torna-se, de facto, relevante e pertinente para o futuro do desporto e da sociedade portuguesa refletirmos sobre esta temática de modo a que possamos olhar, à posteriori, para um futuro em que todos aqueles que ambicionem levar a cargo uma carreira desportiva, em conjunto com uma carreira universitária, se sintam suportados e apoiados pelo sistema e por todos os que os rodeiam.

O que deveria pensar uma simples jovem de 18 anos, praticante de hóquei em patins desde os 4 anos de idade e com o sonho de ser médica, perante todas estas questões impostas ao longo do seu percurso académico por parte de determinados docentes? Será que era a jovem que sonhava demasiado alto ou é o sistema que não tinha “espaço” para a ambição e felicidade de uma simples jovem atleta de



SERÁ QUE ERA A JOVEM QUE SONHAVA DEMASIADO ALTO, OU O SISTEMA QUE NÃO TINHA "ESPAÇO"?

dezoito anos? Algures o ano passado enquanto dava uma palestra surgiu a seguinte pergunta da plateia: “Se a Maria pudesse mudar alguma coisa no seu caminho, o que teria sido?”, à qual a minha resposta foi tão simples e espontânea como: “Nada. Não mudaria nada”.

O caminho que vivemos e que traçamos ao longo da nossa vida é aquilo que nos torna aquilo que somos hoje.

E eu, hoje, posso dizer que sim é possível concluir com

sucesso um curso de medicina e ao mesmo tempo ser atleta de alto rendimento.

Posto isto, está na hora de apoiarmos os nossos jovens e de lhes mostrarmos que o segredo da vida está em fazermos aquilo que nos apaixonam!

São cada vez mais os jovens atletas de alta competição que fazem questão de investir no seu percurso académico, algo que é de louvar e de apoiar, ao invés de os fazermos sentir desapoiados, julgados, desprotegidos.

“Nem o céu é o limite para quem sonha e sabe o valor dos seus sonhos!” 

economia

A grande demissão



VÍTOR CARMONA
GESTOR DE PESSOAS

A “Grande Demissão” ou em Inglês The Great Resignation foi a expressão encontrada para descrever os 4.5 milhões de trabalhadores que deixaram os seus postos de trabalho nos Estados Unidos durante o último ano da pandemia da COVID 19. Este êxodo de profissionais ocorreu principalmente em sectores como a hotelaria, retalho, cuidados de saúde, assistência social, transporte e logística. A ajuda financeira oferecida pelo governo norte-americano, durante a fase crítica da pandemia, permitiu que muitos destes profissionais aproveitassem a oportunidade para dizer não aos baixos

salários, aos longos horários, ao risco de *burnout* e às práticas abusivas de muitos empregadores, saindo, assim, do mercado de emprego tradicional.

A gigante Amazon, conhecida por ter políticas de Customer First, leu rapidamente os sinais e procedeu a uma importante mudança no seu foco estratégico, onde, pela primeira vez, o Colaborador se transformou no centro da organização e no seu principal ativo e não o Cliente.

Hoje a Amazon, não só mudou em 180 graus o seu posicionamento como empregador, como pretende ser a Earth’s Best Employer, oferecendo um conjunto de benefícios aos seus colaboradores nunca antes visto.

Em Portugal, a pandemia também trouxe, na devida proporção, uma “Grande Demissão” em sectores que tradicionalmente pagam mal os seus trabalhadores, como a hotelaria e a restauração, que perderam dezenas de milhares de colaboradores para outros sectores. Atualmente, calcula-se que sejam necessários mais de 50 mil novos trabalhadores apenas para a Hotelaria, uma das atividades que mais emprega (ou empregava) em Portugal. No próprio Estado,



apesar do número de funcionários públicos ter aumentado, também se verificou uma “Grande Demissão”, neste caso muito mais grave e com consequências muito mais sérias.

Finalizado o estado de emergência em Portugal e terminada a proibição de desvinculação de médicos do Serviço Nacional de Saúde (SNS), em maio do ano passado, saíram, em média dois médicos por dia, muitos de medicina interna, para o sector privado, desgastados, desiludidos, desmotivados e acima de tudo desencantados com as condições de trabalho e com a falta de recursos técnicos e humanos.



**O COLABORADOR
TORNOU-SE NO CENTRO
DAS ORGANIZAÇÕES E NO
SEU PRINCIPAL ATIVO.**

Para a maioria das centenas de médicos que saíram nos últimos anos do SNS não foi o dinheiro que os motivou a trocar o público pelo privado, mas o risco de *burnout*, devido aos horários intermináveis e à pressão diária para dar resposta às solicitações de um SNS mal gerido, ineficaz e a rebentar pelas costuras, que os impedem de ter, em muitos casos, uma atividade científica ou académica, ou até mesmo uma vida familiar minimamente equilibrada e saudável.

É aqui que voltamos ao caso da Amazon que citei no início. Enquanto o Ministério da Saúde não perceber que não tendo os seus profissionais de saúde devidamente remunerados, satisfeitos com as condições oferecidas, realizados profissionalmente, envolvidos na gestão diária e com a qualidade de vida que merecem, quem perderá será o utente, aquele que é o objeto desta grande conquista do nosso estado social que é o Serviço Nacional de Saúde. A literacia em saúde, que consiste nas condições que reúnem o conhecimento, a motivação e as competências que facilitam o acesso, a avaliação e o uso da informação com o fim de dar suporte às decisões em saúde,

constitui um elemento determinante no sucesso de qualquer política de saúde. Isto é, o Cliente do SNS, que corresponde à grande maioria da população portuguesa é quem sairá a perder com a continuação da Grande Demissão na Saúde. Mas como esses clientes não têm a possibilidade ou os meios para mudarem de fornecedor, pouco ou nada podem fazer a não ser continuar a aguentar estoicamente a falta de médicos de família, as intermináveis listas de espera, os maus diagnósticos e a correr o risco de entrar num hospital público pelos seus pés e sair por outros meios. 

reflexão

A ambição da mudança



**MARIA TERESA MAIA
CARRILHO**
PROFESSORA
UNIVERSITÁRIA

Não há dúvida que o grande desafio para a mudança é assumirmos que há sempre a possibilidade de ela se concretizar! Será essa ambição legítima? Suficiente?

É certo que tem havido algumas mudanças na sociedade portuguesa. Mas isso não chega!

O progresso tem sido lento, talvez devido à implementação de medidas que, ora avançam, ora recuam... Se, antes do famoso e já distante 25 de abril não havia leis a proteger os mais desfavorecidos, a todos os níveis, e a silenciar e até prender os mais ousados, tudo sob o controle do regime político vigente, nos tempos

que correm, continua a ser necessário efetuar mudanças, dentro do sistema dito democrático...

A tradição da conformidade e da grande burocracia continua a silenciar? Será que o imperativo feminino ainda não avançou suficientemente, para impedir/acabar com a diferenciação cultural, social e política?

Será que o respeito pelos velhos está assegurado? Será que os jovens podem contar com um futuro mais promissor?

Será que a vontade de “servir”, sem intermédio dos amigos, já deixou de se notar? Será que a lealdade às causas está assegurada? Será que...? Será que...? Tantas dúvidas...

Na verdade, continua a notar-se exploração a muitos níveis. É verdade que tem havido protestos, greves... Também tem havido promessas para remediar problemas, a nível educativo, social, económico, até político. De vez em quando, surgem promessas de remediar situações intoleráveis...

Temos de continuar a pugnar por reformas que suavizem as nossas vidas, que nos levem a ter mais consciência do valor individual, para nos assegurar uma vida melhor!

Tudo depende de nós.
Haja confiança na MUDANÇA... 



pelos
caminhos de...

Bairro do Espargal

**TERRENO DO ESPARGAL ONDE A CMO
PRETENDE APROVAR DUAS TORRES
DE 19 PISOS ACIMA DO SOLO.**



CRÉDITOS: FOTOGRAFIA ANTÓNIO LOPES DA SILVA

Durante o mês de janeiro participámos nos encontros que o movimento de cidadãos de Oeiras, designado por "Espargal - Assim Não" tem vindo a realizar. O objetivo deste grupo tem sido o de informar, mobilizar e sensibilizar a comunidade Oeirense para uma operação de urbanização que a Câmara Municipal de Oeiras pretende realizar.

Trata-se da revogação do Plano de Pormenor do Espargal, aprovado em 1991 e a aprovação de um novo instrumento urbanístico, designado por Unidade de Execução do Espargal, que numa zona residencial com uma cêrcea média de sete pisos, propõe agora a edificação de duas torres de dezanove andares, completamente desfasadas da malha urbana.

Este movimento lançou ainda uma petição, que já conta com mais de 4 500 assinaturas, com vista à extensão do prazo de discussão pública do projeto. Petição essa, que foi apresentada no dia 7 de Fevereiro na Assembleia Municipal de Oeiras e que liminarmente foi rejeitada pelo Presidente da Câmara, com o argumento de que não havia mais nada a debater... 

cartoon

O Conde e o Marquês





FOTOGRAFIAS DE LISBOA. CRÉDITOS: AQUI HÁ FUTURO!

idades com futuro

A agenda global das cidades



PEDRO FONSECA
ARQUITETO/URBANISTA

Viver em áreas urbanas é uma tendência natural. Metade da população mundial já vive em cidades.

A qualidade de vida, a oferta de serviços, de emprego e de equipamentos de lazer, são o principal motivo desta crescente procura ao nível global, que vai continuar a aumentar nas próximas décadas.

Em 2050, prevê-se que 68% da população viverá em cidades. Este valor corresponde a dois terços da população mundial concentrada nos grandes centros urbanos.

Em Portugal, o futuro não será diferente: a procura por novas casas continua em alta, sobretudo nos grandes centros urbanos, seja para primeira habitação ou exploração turística.

Os centros empresariais também mantêm elevada procura, assim como armazéns industriais, resultado da

pandemia, face à necessidade de uma maior rapidez na entrega de produtos ao consumidor final das cidades.

Com a continuação deste desenvolvimento, Lisboa e Porto vão transformar-se em duas mega-cidades.

A razão deste crescimento tem a ver com o facto de ser nas cidades que se gera mais de 60% do Produto Interno Bruto (PIB) das economias mundiais. Ou seja, uma grande parte dos bens e serviços que geram valor por parte de empresas nacionais e estrangeiras acontece nas nossas cidades.

Se juntarmos a este desenvolvimento urbano fatores como: a pressão imobiliária; os interesses económicos; a falta de oferta e uma procura alta; a inflação; o aumento do custo dos materiais de construção, ou; a falta de mão-de-obra

qualificada, ficam assim criadas as condições para um aumento generalizado do custo final do imobiliário em Portugal. Lisboa está no topo desta tabela, com um custo médio de 5.116 euros/m² (2.467 euros/m² em Portugal, de acordo com os motores de busca).

Com este acelerado crescimento, torna-se imperativo que os municípios tomem as devidas medidas, nomeadamente na prática de agendas urbanas de desenvolvimento sustentável. Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) são um bom exemplo a seguir.

São exigências que implicam novas regras no desenvolvimento do território, mas refletem também novos potenciais de competitividade e inovação, a par com o aumento da qualidade de vida dos cidadãos e da salvaguarda do meio ambiente. Esta agenda ambiciosa da ONU, apresenta objetivos para transformar o nosso mundo num mundo melhor!

Destacam-se os aspetos sociais, económicos e ambientais, mas também a promoção da paz, da justiça e do funcionamento mais eficaz das instituições.

Deste modo, também em Portugal todos os municípios devem adotar estes ODS's e colocar em prática este contrato com a humanidade. Trata-se de “uma lista das coisas a fazer em nome dos povos e do planeta”.

No entanto, algumas câmaras municipais, aproveitam-se da especulação imobiliária, como por exemplo, com a alteração de legislação ao nível dos seus Planos Diretores Municipais (adaptado ao novo Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial - RJGT) de forma a desencadear um maior índice de construção e impermeabilização do solo, sobretudo nas áreas metropolitanas.

Em Oeiras, por exemplo, um concelho colado à capital, o modelo de desenvolvimento de novas urbanizações não tem tido em consideração a sustentabilidade ambiental: ora

se constrói em leito de cheias, ora se aterram zonas de Reserva Ecológica Nacional (REN), ora não se cumpre o Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU).

Neste concelho assistimos a uma escalada de construções, cujo atual executivo tem ignorado não apenas a legislação fundamental, mas também o bem mais precioso: a população!

Um péssimo exemplo está a acontecer no Bairro do Espargal, no centro de Oeiras, onde a câmara revogou um Plano de Pormenor em substituição de uma unidade de execução, com o objetivo de dar resposta apenas aos interesses de um promotor imobiliário. Os moradores que ali vivem, tinham a expectativa de um planeamento consolidado e aprovado em 1991. Ora, esta nova volumetria é desproporcional para aquele enquadramento urbanístico e já há petições com milhares de assinaturas e vários grupos nas redes sociais que lutam contra este novo empreendimento.

Um executivo camarário não pode impor a vontade e os interesses privados sem antes ouvir quem ali habita, trabalha e visita.

Podemos assim concluir, que o sucesso do urbanismo do futuro está intimamente ligado não só às regras de desenvolvimento sustentável do território, como por exemplo os 17 ODS's da ONU, mas também com a resposta aos desejos e anseios da sua própria população. 





M. MONIZ 12

ENTRADA

574

WI-FI

12E
02

carris



MONKEY
SCHWARZWALD DEE CIG

MY STORY

STORY
HOTEL

51

